

# A ORDEM DOS LIVROS E AS PRÁTICAS DE LEITURA EM *VESTÍGIOS DO DIA* E NUNCA TE VI, SEMPRE TE AMEI

## *THE ORDER OF BOOKS AND THE READING PRACTICES IN THE REMAINS OF THE DAY AND 84 CHARING CROSS ROAD*

Terezinha Elisabeth da Silva<sup>1</sup>

### 1 BUSCANDO A ENTRADA...

Esse longo convívio com livros de toda sorte ensinou-me alguma coisa sobre eles, creio eu, mas ensinou-me, principalmente, que em matéria de livros tudo quanto sei só serve para mostrar o quanto ignoro. Não há dia que não aprenda alguma coisa. É, talvez, por isso que não me canso de manuseá-los, folheá-los, de lê-los e de falar deles.

(Rubens Borba de Morais)

Originalmente elaborado para fins acadêmicos, este texto analisa os filmes *Nunca te vi, sempre te amei* e *Vestígios do dia*, efetuando um trabalho de decupagem das obras e elaborando ensaio na tentativa de verificar como as imagens selecionadas nos dois filmes se articulam em relação ao objeto LIVRO.

Enxertando excertos de livros e dos filmes, buscou-se montar textos (imagético e escrito) que ancorem e dêem sentido à pesquisa de Doutorado que desenvolvo, e que funcionem como balão de ensaio. Assim, aos poucos, materializam-se os resultados, em potência no projeto de pesquisa.

---

<sup>1</sup> Professora Assistente do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Estadual de Londrina. Doutoranda em Multimeios pela UNICAMP, sob orientação da Professora Dra. Iara Lis de Carvalho Souza.

O título refere-se a expressões firmadas por Chartier (1994, p. 2001) em relação à complexidade de questões que orbitam em torno do livro. O autor estabelece, de forma mais ampla, a categoria ordem dos livros que incorpora o entendimento das maneiras de ler (ou práticas de leitura), organizar, disseminar, escrever e comercializar, enfim, os desdobramentos possíveis daquela categoria.

*Nunca te vi, sempre te amei*, narra o relacionamento “bibliofílico-amoroso” entre um livreiro de Londres, Jack Doel (Anthony Hopkins) e uma escritora americana Helene Hanff (Anne Bancroft), autora do livro adaptado para este filme. O título original, *84 Charing Cross Road*, é o endereço da livraria Marks & Co. em Londres.

Em *Vestígios do dia* (*Remains of the day*), o mordomo Stevens (Anthony Hopkins) e a governanta Sally Kenson (Emma Thompson) servem a um Lorde inglês que tem ligações perigosas com os nazistas. Sally é desprezada por Stevens que busca, antes de mais nada e acima de tudo, o perfeito cumprimento de seu ofício.

## 2 CONVERGÊNCIAS...

De forma mais e menos pronunciada, o *livro* está presente nestes filmes. Mas, antes de iniciar a análise em torno do objeto *livro*, são tecidos alguns comentários relativos a aspectos comuns (não necessariamente convergentes) aos filmes. Desta forma, cria-se uma trama de significados que englobam, abarcam e dão sentido ao *livro* e que o inserem no contexto sócio-histórico-cultural dos dois filmes.

Produtos da indústria *hollywoodiana*, são filmes delicados, adaptados de livros, com fotografia cuidada. Narrativa “clássica” e fácil aceitação pelo público caracterizam ambos. E, além do *livro* e do ator Anthony Hopkins (sempre ele e sempre outro), é possível indicar outros elementos presentes nos dois filmes.

Primeiramente, o lugar e o tempo da diegese. Em ambos os filmes, Inglaterra e EUA colocam em confronto suas condições culturais, sociais e econômicas. Estabelece-se um diálogo/conflito entre

os anteriormente colonizador/colonizado, agora em condições econômicas opostas. Os dois filmes encontram-se no tempo, na medida em que *Nunca te vi...* (pós Segunda Guerra), está na seqüência histórica de *Vestígios do dia* (pré-guerra).

Os protagonistas de *Vestígios...* e *Nunca te vi...* narram suas histórias a partir de *flashbacks*, com tramas sendo resolvidas no presente. No primeiro caso, presente e passado se alternam e se entrecruzam; no segundo, o presente está no prólogo que remete ao passado (tempo principal) e no epílogo do filme.

Em *Vestígios...* o passado tem lugar na mansão que pertenceu a Lorde Darlington, agora do americano Lewis. Em *Nunca te vi...*, as cenas na livraria londrina se alternam com cenas de rua na Inglaterra e nos EUA e, principalmente, do apartamento, repleto de livros, da escritora americana.

Tanto o livreiro (*Nunca te vi...*), quanto o mordomo (*Vestígios...*) são britânicos sisudos, contidos e metódicos que têm o trabalho, o dever e o país acima dos afetos, da família. O sentimento que ambos parecem nutrir, mas que não demonstram, pelas protagonistas femininas, não cabem dentro de seu universo, são reprimidos. Mesmo o livreiro, mais sensível às provocações da escritora, é distante em relação à própria família (mulher e filhas). Livreiro e mordomo cumprem suas tarefas públicas, mantendo uma vida pessoal fria, distante e reagindo timidamente aos jogos de sedução da escritora e da governanta.

Se livreiro e mordomo são estereótipos do homem britânico, a escritora (americana) e a governanta (inglesa), são o contraponto, a provocação, o desassossego, um relativo desapego das convenções. E estão ambas dispostas a colocar em xeque a vida metódica e a sisudez daqueles homens. Jogo de afetos e sentimentos. Razão e sensibilidade. Masculino e feminino.

Encontros e desencontros estão presentes nos dois filmes. Mas não seria isto o que azeita o encantamento daquelas relações? Distância física, distância temporal. Distância de sentimentos.

Em *Vestígios...*, embora o mordomo e a governanta vivam sob o mesmo teto, nunca seus afetos se encontram. Jamais ele demonstra, para a governanta, suas emoções. Quando há indícios de perda de controle

emocional, somente nós, os espectadores somos seus cúmplices. Em *Nunca te vi...*, os afetos da escritora americana e do livreiro britânico (ele a seu modo) se encontram frequentemente através de cartas e livros, mesmo que eles jamais se encontrem pessoalmente.

As cartas são elementos importantes nos dois filmes. É através da correspondência atual entre os dois antigos colegas de trabalho de *Vestígios...*, que do presente temos a memória de ambos sobre o passado. As cartas trocadas entre os personagens de *Nunca te vi...*, revelam ao espectador seus sentimentos, suas emoções. Por meio das cartas os personagens criam imagens mentais de seus correspondentes do outro lado do Atlântico.

## 2.1 LIVROS NOS FILMES

Existe entre livreiro e colecionador um denominador comum: o amor pelos livros. Ambos acabam amigos, embora um viva à custa do outro. Um bom livreiro é o melhor guia que pode ter um colecionador. A recíproca é verdadeira (MORAES, 1975, p. 25).

O amor pelos livros é evidente em *Nunca te vi, sempre te amei*. Eles são elementos (ou personagens) que conduzem a trama narrativa que tem como protagonistas o livreiro londrino e a novaliorquina, escritora de roteiros, primeiro para teatro e depois, também para televisão.

Em *Vestígios do dia*, o livro é um elemento de composição do cenário (biblioteca). Um objeto a mais que está sendo limpo e recolocado em seu lugar, como pratarias e louças. E a leitura é mais um dos vários afazeres do proprietário da mansão, onde trabalham o mordomo Stevens e a governanta Kenson.

A seguir são mostradas formas de apresentação do livro operadas nos dois filmes. Para tanto, foram eleitas três categorias (o objeto livro, os atos de leitura e os ambientes) que servem para destacar o movimento de oposição (entre *Nunca te vi...* e *Vestígios...*) evidenciado pelo funcionamento daquelas imagens.

## 2.2 OBJETO LIVRO

Em *Vestígios do dia* os livros são objetos anônimos, de composição de cenário. Seus títulos não são revelados, mas eles estão lá para armar a decoração e informar sobre o grau de erudição e o poder econômico e político de Lorde Darlington.

Apenas o Lorde faz uso dos livros de sua biblioteca, uma enorme sala com lareira e poltronas confortáveis. No início do filme, lugar de reunião dos conferencistas, e depois, de conversações entre políticos alemães e ingleses que articulam a adesão britânica aos ideais nazistas. A potência cultural desta biblioteca é velada. Mas sua potência cenográfica é magnífica. Assim, de repente, uma estante cheia de livros, um *trompe l'œil*, transforma-se numa porta. Livros reais não poderiam mesmo estar ali.

Stevens corre o espanador pelos livros como faz com qualquer outro objeto da casa: os quadros e outras obras de arte, as peças de porcelana e a prataria. Natureza morta.

Ao contrário, em *Nunca te vi, sempre te amei*, os livros são nomeados, trechos são lidos, autores referenciados/reverenciados, numa busca incessante por mais e mais títulos. Helene solicita Stevenson, Jane Austin, um exemplar da *Vulgata*, os *Contos de Canterbury*. A livraria remete para a escritora, *A idéia de uma Universidade*, de John Newman, o *Livro de Oxford da Poesia Inglesa*, *Vida*, de Walton. Clientes da loja buscam George Orwell, Arcimboldo, Dürer.

Se o livro aqui pode ser tratado como objeto, é de veneração, de adoração. Mas não por puro fetichismo. O livro é adorado, manuseado, admirado, mas é também lido e suas margens anotadas.

Adoro livros que se abrem nas páginas que seus antigos donos mais liam. Quando Hazlitt chegou, abriu em: “Odeio ler livros novos”. E eu gritei: “Companheiro” ao antigo dono. [...] Adoro dedicatórias e notas nas margens. Gosto de virar páginas que outros já viraram e de ler trechos que alguém que já se foi marcou. [Helene]

Ora, o texto pode ser este “objeto fetiche e esse fetiche me deseja.” (BARTHES, 1987, p. 38)

*Nunca te vi...* mostra uma sociedade arruinada pela guerra, mas o livro não é um objeto a mais naquele cenário em ruínas. Pelo contrário, ele movimenta e orienta saídas e desejos. O livro sinaliza para encontros jamais concretizados, para uniões impossíveis.

### 2.3 LEITURA

Em *Vestígios...*, o Lorde lê com frequência, mas, exceto por um trecho que nos é dado ouvir através de sua voz mental, não sabemos que leituras o proprietário da mansão aprecia.

Provavelmente lê política. Numa única cena, sua voz em *off*, lê trechos de um livro, do qual não sabemos o nome, porém é evidente que o conteúdo refere-se aos interesses do Lorde pelos ideais nazistas. Ele, que tempos antes havia empregado duas jovens refugiadas judias, lê seu livro, enquanto as observa limpando os objetos da biblioteca.

Não fazemos injustiça aos judeus ao dizer que Cristo é algo incompreensível e odioso para eles. Embora tenha nascido judeu, Ele personifica a negação da natureza sagrada deles, algo que os judeus têm mais consciência do que nós. Demonstrando a grande diferença entre nós, europeus, e os judeus, não pretendemos que o preconceito religioso resolva a questão, porque a percepção de naturezas tão diferentes revela um abismo... [Lorde Darlington lendo]

Estaria lendo *Mein Kampf*? Na cena seguinte, ele ordena a Stevens que as moças sejam despedidas.

O outro momento significativo de apresentação de ato de leitura, ocorre quando Sally, chegando com flores ao quarto do mordomo, o flagra lendo um livro que não se sabe qual. Então, tenta se aproximar, mas ele fecha o livro.

“Está lendo... O que está lendo?” “Um livro”, ele responde. “Hum! Um livro. Que tipo de livro?” “É um livro, Senhorita Kenson, um livro!” Quando ela se aproxima para pegá-lo, a mão do mordomo se esquivava, interditando. “Que livro é?”, ela insiste. “Está envergonhado a respeito do livro!” “Não!”, ele responde. “Que livro é? É erótico?” “Erótico!?”, ele replica. “Você está lendo um livro erótico?” E ele: “Acha que há livros eróticos nesta casa?” Sally retruca: “Como vou saber? Que livro é? Deixe-me ver seu livro”, enquanto vai se aproximando e ele se recuando até segurar o livro contra o corpo. “Por favor, me deixe só.” Ao que ela responde perguntando: “Porque não me mostra o livro?” Ele: “É a minha hora de folga. Está atrapalhando.” Sally admirada: “É mesmo? Estou atrapalhando sua hora de folga, não é?” “É.” Mas ela insiste: “Que livro é este? Deixe-me ver”, quase implorando. “Está me poupando? É isto? Eu ficaria chocada? Prejudicaria meu caráter?” Enquanto isto vai se aproximando até que seus rostos fiquem quase colados. E ela avança lentamente sobre o livro grudado ao peito do mordomo. “Deixe-me ver.” Com dificuldade vai soltando, um a um, os dedos dele do livro. Retira o livro das mãos do mordomo, olha a capa, folheia, olha novamente a capa e diz com espanto velado e com alívio, talvez: “Nossa. Nem um pouco escandaloso. Apenas uma história de amor.” “Sim”, responde ele retirando delicadamente o livro das mãos da governanta, “Leio esses livros, quaisquer livros... para melhorar meus conhecimentos de língua inglesa. Leio para aperfeiçoar minha instrução, Senhorita Kenson. Agora quero pedir que, por favor, não perturbe os poucos momentos que tenho para mim.”

Esta é a cena em que acontece a maior proximidade física e afetiva entre os dois. Por um momento pensamos que seu amor vai ser ali

concretizado. E o que provoca esta proximidade é a visão do mordomo em ato de leitura no quarto em penumbra. O livro poderia revelar seu íntimo. E Sally gostaria de penetrar no íntimo de Stevens. Saber o que ele lê é poder conhecê-lo um pouco mais. Mas ele resiste...

A resposta “*um livro*”, à pergunta “*o que está lendo*” reflete uma incomunicabilidade abissal. Instigada que foi pelo ocultamento do livro, Sally, talvez desejasse mesmo que aquele fosse um livro erótico, como é erótica sua expectativa em torno do livro que supõe erótico (BARTHES, 1987, p. 75).

Quando o livro é revelado, Sally parece decepcionada. A preparação é a escalada daquela cena erótica, ainda Barthes, que chega à deflação: “*é só uma história de amor*”. E Stevens, evitando falar de amor, se esquia argumentando que lê apenas para se “*instruir mais*”. Educação erudita e não amorosa. A leitura é mais um dever do mordomo, dentre tantos outros. “*Leio livros, quaisquer livros...*”, é um argumento, talvez um álibi, que utiliza para não se abrir. Permanece rígido, ainda que leia histórias de amor. “*Não leio por prazer*”, é o que Stevens parece querer dizer. Neste momento estabelece-se o paradoxo do afeto. O livro de amor é capaz de afastar o mordomo de Sally. Um livro erótico, por acaso, não seria um segredo a uni-los? Um segredo partilhado e que deseja ser lido e decifrado? “*É só uma história de amor.*” Mas é numa história como aquela que Sally gostaria de se fazer personagem.

O prazer de ler orienta e se impõe como argumento principal dos protagonistas de *Nunca te vi...* O livro e o prazer da leitura são elementos que conduzem a história afetiva entre Helene e Jack, e que acaba contaminando os personagens secundários do seu universo. E os diálogos giram em torno destes elementos: os afetos, o livro, o prazer de ler. E a amizade entre eles é tecida a partir daí.

Certo dia, Helene, tocada pela visão de um casal de namorados, solicita:

Quero um livro de poemas de amor, com o início da primavera. Nada de Keats ou Shelley. Mande poetas que falem de amor sem pieguice. Wyatt ou Jonson. Use o bom senso. Um belo livro... que caiba no bolso para eu levar ao Central Park.  
[Helene]

Jack encontra um exemplar de *The Elizabethan lyrics and their poetry* e envia para Helene. E, como que respondendo àquele pedido distante...

Se eu tivesse os panos bordados do céu  
Enfeitados com luz de ouro e prata  
Os azuis e sombrios panos  
Da noite e da luz e da meia luz  
Eu estenderia esses panos sob seus pés  
Mas eu, sendo pobre, tenho apenas meus sonhos  
Eu estendi meus sonhos sob seus pés  
Pise suavemente, pois você está pisando nos meus sonhos  
[Jack lendo “He wishes for the cloths of heaven” de W. B. Yeats]

### 3 AMBIENTES DO LIVRO

A biblioteca de Lorde Darlington ocupa um espaço interno da mansão. Amplo, embora fechado em si mesmo. Os livros estão ali dispostos para o deleite visual. A livraria Marks & Co., é um espaço aberto para a rua. Diferentemente da biblioteca do Lorde, está entulhada de livros em estado de total (aparente) desordem. Embora pareça limitada vista do lado de fora, abre-se potencialmente para o infinito pelo lado de dentro.

Pode-se dizer que a biblioteca do Lorde não é uma biblioteca, no sentido hoje corrente do termo, é uma coleção de livros, uma “livraria”. E a livraria (suas salas, escadas, mezaninos) é uma biblioteca porque nutre e é nutrida pelos leitores. A Marks & Co. é uma biblioteca que permite o dialoguismo e a intertextualidade, porque “[...] qualquer leitura é uma leitura comparativa, contato do livro com outros. [...] Ler será, portanto, fazer emergir a biblioteca vivida, quer dizer, a memória de leituras anteriores e dados culturais” (GOULEMOT, 1998, p.113).

Na Marks & Co., o livro se mostra em sua materialidade real e ao mesmo tempo ficcional. A amiga de Helene, em visita a Londres, vai até a livraria e percorre aqueles corredores e escadas repletos de estantes e livros. Sente o cheio da madeira, do papel, corre as mãos pelas prateleiras, olha o ambiente com admiração e carinho. No retorno à

América, comenta com Helene: “*É uma linda loja, saída de um livro de Dickens*”.

A biblioteca da mansão do Lorde seria digna de Helene Hanff. É o que ela parece desejar: “Até me sinto culpada”, diz ao receber um precioso livro de Jack, “todo esse ouro e estampas douradas... Combina com a biblioteca de uma casa de campo inglesa. Deveria ser lido perto do fogo, numa poltrona de couro... Não num apartamento entulhado de um prédio velho.” Ela sofre por não dar melhores condições a si mesma e a seus livros. Mas, a amiga, para poupá-la do sofrimento e por saber que, para Helene, os livros têm vida, retruca elogiando: “Se eu fosse este livro iria querer viver aqui.”

No final do filme, Helene, indignada com publicações do tipo “poesias selecionadas de”, que costumam compor coleções como os *Livros da Grande Biblioteca Moderna*, que acabara de ganhar de presente, busca John Donne e o lê em voz alta: “porque é preciso ler Donne em voz alta”.

Toda humanidade é um volume. Quando um homem morre, um capítulo não é rasgado do livro mas traduzido numa linguagem melhor. E todos os capítulos devem ser traduzidos. Deus emprega muitos tradutores. Alguns trechos são traduzidos pela idade, outros pela doença, alguns pela guerra, alguns pela justiça. Mas as mãos de Deus reunirão novamente todas as folhas espalhadas naquela biblioteca onde todos os livros ficarão abertos para todos [Helene lendo Donne].

Helene sonha com a grande biblioteca universal, com a humanidade contida em um único livro, um livro que não existe. O livro de areia. A biblioteca de Babel.

#### 4 ENSAIANDO SAIR...

Em *A estética do filme*, Aumont (1995, p. 98) argumenta:

[...] é na medida em que o cinema tem capacidade para reproduzir sistemas de representação ou articulação social que foi possível dizer que ele substituíra as grandes narrativas míticas. A tipologia de um personagem ou de uma série de personagens pode ser considerada representativa não apenas de um período do cinema como também de um período da sociedade.

Ressalvados os reducionismos dessas análises ainda preliminares e as arbitrariedades relativas à seleção, pode-se dizer que estes dois filmes demonstram determinadas opções de indivíduos e de grupos sociais em relação às práticas de leitura, ainda que não se possa afirmar a representatividade dessas imagens.

Logicamente, as reflexões se detiveram mais em *Nunca te vi...* porque este contém elementos ricos para os objetivos do trabalho. De qualquer forma, é importante ressaltar que a potencialidade está principalmente nos desencontros dos dois filmes em relação ao objeto livro, aos leitores, à leitura. Em *Nunca te vi, sempre te amei*, o universo do livro está prenhe da plenitude (uma redundância necessária). E embora o livro se faça presente também em *Vestígios do dia*, é uma presença que carrega o vazio de suas possibilidades.

## REFERÊNCIAS

AUMONT, Jacques et al. *A estética do filme*. Campinas: Papirus, 1995.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

\_\_\_\_\_. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Ed. UnB, 1994.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger (org.) *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998. p. 107-116

MORAES, Rubens Borba de. *O bibliófilo aprendiz*. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1975.

NUNCA te vi, sempre te amei: uma história verdadeira (84 Charing Cross Road). Direção: David Jones. Roteiro: Hugh Whitemore. Intérpretes: Anthony Hopkins, Anne Bancroft e outros. [S.l.]: Columbia Pictures, 1986. (96 min) VHS, son., color.

VESTÍGIOS do dia (The remains of the day). Direção: James Ivory. Roteiro: Ruth Praver Jhabvala. Intérpretes: Anthony Hopkins, Emma Thompson e outros. [S.l.]: Columbia Pictures, 1993. (134 min) VHS, son., color.